



LEITURA E CIBERESPAÇO

Carla Eugênia Nunes Brito¹ Ada Augusta Celestino Bezerra²

RESUMO

A contemporaneidade é marcada pela crescente evolução tecnológica de informação. Consequentemente, a relação com o texto e a leitura foi também transformada nesse conjunto de operações. Nesse trabalho objetiva-se compreender a utilização do ciberespaço e das redes sociais a partir da instrumentalização da leitura e produção do texto nos meios virtuais. O levantamento das informações foi feito através de pesquisa bibliográfica e a construção do texto passou pela formatação de artigo ensaístico, aliando dados levantados à reflexão autoral das questões levantadas. Embora a sociedade esteja mais próxima dos recursos tecnológicos de leitura e escrita, o tradicionalismo opera nas atividades escolares, criando obstáculos para a produção e recepção mediática de textos. E que o problema da leitura cresce pois há o despreparo da sociedade e da escola em entender o ato de ler como forma de compreensão da realidade e prazer da linguagem.

Palavras-chave: Leitura, Redes Sociais, Contemporaneidade e Ensino.

1 INTRODUÇÃO

Na medida, porém, em que me fui tornando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na “leitura” que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo. (FREIRE, 1997, p. 15, grifo do autor)

No Brasil, segundo dados divulgados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios IBGE (2015), verificou-se que, embora houvesse em 2015 uma queda no percentual nos resultados comparados aos anteriores, quase metade da população nacional tem acesso à rede mundial de informação. Praticamente 49,3% de homens e 49,5% das mulheres no ano de 2013. Outro dado importante revelado pela pesquisa é que 75,7% dos jovens entre 15 a 17 acessam a internet

¹ Bolsista PROCAPES/UNIT do Mestrado em Educação| Linha Formação de Professores – Membro do GEPGEFOP, Pesquisadora Voluntária TRANSEJA/OBEDU. Email:carla_eugenias@hotmail.com

² Pós-Doutora Sênior em Educação/Universidade de Lisboa (2012); Doutora em Educação/Administração Escolar-FE/USP. Mestra em Educação/ Administração de Sistemas Educacionais/IESAE/FGV (RJ); Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes (PPED/UNIT/SE).Universidade Tiradentes. Email:ada_augusta@unit.br



regularmente. Os dados mostram como a realidade nacional está sendo tomada pela informatização, mesmo que em situação longe da desejável e em passos lentos.

Deveras, o dia a dia do brasileiro está imerso no Ciberespaço. Essa imersão é altamente produtiva do ponto de vista contemporâneo, mas não deixa de ter suas contradições. Pois se não conseguimos parar o motor das transformações é necessário acompanharmos o seu movimento; a realidade como coloca Freire (1999) ainda é algo que vem, inspira medo e que precisa urgentemente do exercício da leitura por parte dos seus cidadãos. Sendo assim, não basta serem apenas usuários desses sistemas, mas também ser antes de tudo agentes participantes da sociedade. Se faz necessário uma nova aprendizagem.

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a utilização das redes sociais como instrumentos educativos para o desenvolvimento da leitura e produção de textos. Para isso, faz-se necessário em primeiro momento destacar o papel da internet na contemporaneidade, no qual é impossível imaginar os indivíduos não interligados de alguma forma. Entender como se configura a conceituação e dinâmica operante das redes sociais é de suma importância para a sua utilização como meio educativo capaz de desenvolvimento e de transformação social.

Consequentemente, é discutida a inserção da escola ao mundo informatizado, ou vice e versa, e suas dificuldades em conquistar outros espaços de ensino e aprendizagem, dado ao pensamento tradicionalista ainda pautado por mediações materiais e da presença física do professor. Como otimizar os espaços virtuais para instrumentalização e incentivo à leitura? Qual o papel do leitor e do autor no Ciberespaço? Leitura se aprende na escola? O prazer do texto é mantido com o advento da internet e dos e-books? Estas são algumas perguntas geradoras das discussões.

É certo que, embora a escola não seja o único ambiente possível de ações de leitura, é nele que os indivíduos na idade escolar estão inseridos em boa parte do tempo útil diário, sendo assim, um espaço privilegiado nas ações de incentivo à leitura e formação do leitor. Em sua conclusão este artigo de caráter ensaístico e bibliográfico propõe novas questões ao campo da produção textual, da leitura e da formação de leitores/produtores de textos através das redes sociais.

2 A CIBERCULTURA E OS SEUS DILEMAS

O mundo informatizado trouxe à humanidade não só um aparato tecnológico de produção como revolucionou a relação das pessoas com a informação e gerou novas formas de interação no cotidiano dos indivíduos. Segundo Castells (2005) esse fenômeno observado a partir da



década de 1960, se caracteriza por um processo que compreende várias dimensões da sociedade e que, por conseguinte, configura-se em um paradigma tecnológico, fundamentado nas tecnologias de comunicação e informação.

A internet é uma demonstração desse paradigma. Se em questões de segundos, podemos estar em contato com pessoas de vários cantos do mundo, de diversas nacionalidades, das mais variadas regiões do país, isso se deve à criação da rede internacional de informação, a internet. Porém, não se deve cair no mesmo erro dos iluministas ao achar que tudo que os antecedeu se resume em trevas. Como bem coloca Castells (2005) a informação é elemento imprescindível à sociedade. Diz ele:

Frequentemente, a sociedade emergente tem sido caracterizada como sociedade de informação ou sociedade do conhecimento. Eu não concordo com esta terminologia. Não porque conhecimento e informação não sejam centrais na nossa sociedade. Mas porque eles sempre o foram, em todas as sociedades historicamente conhecidas. O que é novo é o fato de serem de base microeletrônica, através de redes tecnológicas que fornecem novas capacidades a uma velha forma de organização social: as redes. (CASTELLS, 2005, p.17)

O argumento de sociológico, este não é um fato consecutivo, mas uma propriedade da sociedade que sistematiza relações de interdependências e de contato direto desfazendo a ideia de que a informação e o conhecimento não são pertencentes da contemporaneidade.

Para Pierre Lévy (2009), os avanços tecnológicos contribuem para a construção da cibercultura como paradigma atual em que o virtual se coloca como espaço de interação dos sujeitos. As redes sociais, antes territorializadas e cronologicamente definidas são absorvidas pelo virtual de forma contrária por Lévy (2009).

Para ele: “É virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular” (LÉVY, 2009, p. 47). Esse conceito deve ser lembrado, pois, na ideia de uma educação via redes sociais tem-se que entender o processo de ensino aprendizagem para além dos muros da escola.

Isso porque se os vários setores da sociedade foram transpassados pela utilização dos sistemas de informação, alguns tabus ainda são vistos e cristalizados para determinados setores do cotidiano das pessoas. A educação é um deles que sofre com os reacionarismos que impedem as mudanças.

Não se defende, neste momento, a ideia de que a educação não se utiliza de meios tecnológicos para o desenvolvimento das práticas pedagógicas. O que se quer destacar é que ainda a



Cibercultura e os espaços virtuais de ensino com suas as tipologias e gêneros próprios são vistos com desconfiança ou desenvolvidos sem muita propriedade.

Ainda existem diversas escolas no Brasil que não foram sequer informatizadas ou mesmo conectadas à rede internacional de computadores. O que dizer então das novas formas de leitura que oferecem inusitadas experiências textuais diferentes das mediadas pelo texto impresso em sua forma mais sagrada, o livro.

Nesse ínterim, não se pode temer a informatização dos usos pressupondo que o livro e a leitura estariam com seus dias contatados. Como objeto, o livro depende de uma demanda comercial, que não diminuiu com o tempo, mas, também ele está sujeito a transformações e adequações às necessidades vigentes de mercado. É importante destacar que no rolo compressor destas transformações a leitura passa a determinar diversas alterações de seu estatuto, dado a reconfiguração social de suas competências entre elas as do leitor e do autor.

Almeida (2014) faz importantes colocações sobre a autoria, mas expando importantes apontamentos para a compreensão da leitura com o advento da era de informação e dos novos meios de escrita e vinculação discursiva. A internet, redes e as diversas formas de expressão através da escrita possibilitaram uma abertura para campos de autoria e de leitura.

Segundo ele: “O advento do ciberespaço traz, então, uma abertura à problemática da produção, porque o consumidor passa a ter o contato direto com o material criado por um artista, ou intelectual, sem intermédio do grande modelo, industrial.” (ALMEIDA, 2014, p.134). O leitor acaba assumindo outros papéis e outras habilidades jamais vistas em outro veículo.

São tantos os meios de produção e recepção de textos na internet e principalmente nas redes sociais que em primeira instância observa-se uma revolução do perfil do leitor. Para Lúcia Santaella (2004) perfis de leitor³, como o leitor contemplativo ou meditativo, o leitor movente ou fragmentário, e por último o leitor virtual. Todos determinados e historicamente identificados através da interação com os diversos tipos de textos de uma época.

Todos atuantes como sujeitos, pois a leitura por si só é motivadora das singularidades dos indivíduos. Se ler é uma forma de construir sentidos, de interagir com o outro e consigo mesmo, a leitura alia habilidade, lógica e imaginação ao mesmo tempo. O que faz Santaella (2004), afirmar que não há diferenças entre os perfis, a não ser a relação com os textos apresentados. Para cada texto uma estratégia de leitura, para cada texto um contexto.

³ A ideia de perfil de leitor não é algo novo. Para cada modelo de leitor, segundo Barthes(1989), está o sujeito anacrônico, leitor pque pode ir e vir de um forma textual para outro leitor com liberdade de interpretação e contextualização de sua leitura.



Todavia, falou em leitura automaticamente vem à lembrança a imagem da escola. E embora, para muitos, a memória evoque sensações positivas inversamente a rotina enfadonha e nelas as suas obrigatoriedades criam outro pólo negativo para as experiências escolares, entre elas a leitura. Pode-se arriscar em afirmar que a escolarização da leitura não deu muito certo. E para outros casos se tenha outra constatação, há de que a leitura fora um resultado da ação educativa. Mas por que da variação dos resultados? A resposta pode estar no prazer ou na ideia de que “leitura é uma felicidade que exige mais inocência e liberdade do que consideração” (BLANCHOT, 2005, 129). Fiquemos por hora com a primeira opção.

3 ENTRE O PRAZER E A VELOCIDADE

O tempo é a moeda mais cara da contemporaneidade. A eficácia dos dispositivos e das habilidades passam pelo crivo da rapidez. Até a leitura requer um selo de qualidade não pela qualidade de seus achados, mais pela quantidade de sua informação. Barthes(1987) em sua obra, *O prazer do texto*, chama à discussão pontos importantes da leitura sobre seus iniciados, algo que a escola esqueceu em suas formalidades e que pode de maneira informal, através das redes, ser reestabelecido que é o prazer da leitura.

Prazer e texto são os mecanismos de um dilema que Barthes(1987) trata e nos dá pista e artifícios para a sedução. Como se chega ao prazer da leitura? Ele fala antes de tudo que existe um prazer na escrita, o prazer do escritor, e que há o prazer do leitor, que deve ser o alvo de qualquer tipo de escrita.

Porém, sabe-se que nos dias atuais a informação clara e curta, dado o ritmo de vida das pessoas interfere na leitura prazerosa dos textos, sejam eles virtuais ou não. Se é preciso difundir práticas leitoras é preciso achar o tendão de Aquiles da dessa praticidade e da pressa que envolve o texto em nossa atualidade.

Deve-se então considerar que a leitura é um jogo, então, para a maioria dos alunos acostumados aos games, a palavra leitura-jogo passa a ter um aspecto mais atrativo. Não que se deva ausentar dos dias letivos os clássicos ou mesmo sagas tão atuais. É necessário repetir que para o sucesso da experiência educativa é preciso não encher os alunos de conhecimento, mas sim de curiosidade. Destaquem-se aí pequenos trechos disponibilizados em redes como o *facebook*, os comentários, as curtidas, os compartilhamentos podem ser o termômetro da aprendizagem e do prazer.



Barthes (1989) defende a classificação dos textos em dois tipos: o texto de prazer que está ligado à ideia de cultura e tenha uma relação imediata e direta com seu leitor; e o texto de fruição que é o texto que lança desafios ao leitor, pois estabelece ressignificações de visão de mundo tal qual o pensamento freiriano de nossa epígrafe. Ainda assevera o autor que a sociedade moderna está abrindo mão dos prazeres, como o prazer de ler e isso é um ponto negativo para nossas gerações.

Talvez por que a leitura tem um aspecto informal e autônomo-individualizante. Já as leituras escolarizadas passam por exigências formais não condizentes com a experiência da leitura libertação. Embora já se trabalhe hoje com diversos veículos e cruzamentos textuais, persiste uma hierarquização de tipologias, uma seleção que não leva em consideração o leitor e suas aptidões, que não considera o texto como acontecimento, como mediação.

O mundo contemporâneo através de suas tecnologias revolucionou as formas de contato de interação social. O texto em suas amplitudes, gráficas, visuais, sonoras entre outras propriedades faz parte dessa interação. Restituir o prazer da leitura deve assim ir além de programas fechados.

A leitura escolar deve assim acompanhar esses avanços, para que não se torne absoletos embora “A criatividade leitora possibilita, por assim dizer, novas vias de acesso à escrita[...]a leitura fabrica sentidos diversos e motivações para novos escritos.”(ALMEIDA, 2014,p. 144) o texto que aparentemente se esgotara em estrutura ganha novas dinâmicas , muito bem aceitas pela juventude, mas ainda um fardo pesado para a escola na figura do professor. Outra questão importante “... é sobre o problema hipertextual que os estudiosos se voltam para pensar, se há ou não um novo estatuto do leitor e do escritor no espaço digital.”(ALMEIDA, 2014,p.141). Talvez neste momento deva-se refletir se o leitor, ou os perfis de leitores continuam o mesmo, se o texto já não o é?

A história da escrita é também a história da leitura. Dos hieróglifos aos blogs, das carteiras escolares duplas as virtuais plataformas educacionais, observamos que para cada tecnologia uma nova aprendizagem. Assim, não é convencedor o uso de práticas cada vez mais longe do dia a dia das pessoas. Usar de recursos midiáticos sugere em primeira instância adequar o ensino às necessidades dos discentes.

Em um segundo, no plano de prioridades, surge a expansão do ambiente escolar, que antes se resumia à sala de aula e aos cômodos didáticos da escola, com o uso das redes sociais e os aplicativos, passam a ser extensos. A aprendizagem, com os novos recursos, tem a possibilidade de ultrapassar limites físicos para levar o conhecimento. No pensamento de Lévy (2009, p.175) “Uma



vez que os indivíduos aprendem cada vez mais fora do sistema acadêmico, cabe aos sistemas de educação implantar procedimentos de reconhecimento dos saberes e *savoir-faire* adquiridos na vida social e profissional”.

4 REDES SOCIAIS: A experiência informal de aprendizagem

Hoje as redes sociais movimentam uma enormidade de usuários, que não veem nelas apenas ferramentas de relacionamentos pessoais, mas como poderoso e efetivo veículo na realização de negócios, contratação de pessoal, contato profissional, estreitamento de vínculos afetivos.

Os estudantes, em sua maioria, estão aptos ao uso dessas ferramentas e quando não aptos se mostram ávidos por algo novo. Já os professores nem sempre dominam o uso da internet, em alguns casos são curiosos, em outros já não se devotam a aprender.

Os comportamentos são opostos, como são os objetivos decorre daí o fracasso de algumas tentativas pedagógicas de levar para sala de aula tais recursos. Para que haja o desenvolvimento do ensino/aprendizagem deve se manter a confluência das metas. Deve-se investir na aquisição de equipamentos, na capacitação dos profissionais da educação, mas sobretudo regulamentar conteúdos específicos no currículo do ensino médio e fundamental.

Todavia, a questão se estende. O instrumento se apresenta. O professor passa a ser mais efetivo em sua missão de criar, não verdades absolutas, mas a curiosidade sobre o mundo que o cerca como no pensamento de Morin (2011) e Freire (1999). A grande polêmica é: se o professor deva estar virtualmente disponível além de suas horas de trabalho? Que o docente domine a instrumentalização destes recursos isto é evidente (tais instrumentos já fazem parte de sua vida comum). Mas há tempo para mais uma atividade extraclasse?

A resposta parece ser mais complexa. Não deixa de ser uma carga essa participação, mas por outro lado deva-se entender que professores e alunos são funções burocráticas e formais. As redes além de sua instrumentalização formal, deve criar espaços para além dos rigores das atividades.

As redes sociais não são meios apenas de vincular informações, mas são caminhos de uma informatização da aprendizagem. Estamos todo tempo aprendendo. Não é só na escola que aprendemos, estamos em vários lugares ao mesmo tempo e nesses espaços a leitura é interação



textual e produção de sentidos. Fornecer meios para a produção de textos. Para a fala dos alunos nos mais variados níveis de ensino. Fortalecer as suas capacidades e identidades sociais. Formar sujeitos ativos.

Surgem com as novas tecnologias, novos obstáculos ao exercício da subjetividade e cidadania. Os novos meios de comunicação exigem assim um novo letramento específico para aquele veículo onde o texto é produzido. Pode-se dizer variados letramentos já que para a leitura de determinados espaços da internet precisamos acionar mecanismos múltiplos de leitura, seja ela de texto escrito, oral, imagem, simbólicas entre outras.

No início ele traz a imagem das sereias e seu canto como parte da sedução da literatura e da resistência a ela. Por ser ficção, mentira, a literatura passou a não dizer nada a sociedade, a ser um objeto de pouco valor. “Porém, Se aceito julgar um texto segundo o prazer, não posso ser levado a dizer: este é bom, aquele é mau. Não há quadro de honra, não há crítica, pois esta implica sempre um objetivo tático, um uso social e muitas vezes uma cobertura imaginária.” (BARTHES, 1987, p.20) na verdade uma possibilidade de transformação do real, de transformação do homem, pois não aceita o real simplesmente, mas o ressignifica.

Essa característica arbitrária dos textos literários é força motriz das transformações sociais. A obra literária como algo inacabado vai além dos tempos, pois só se materializa a partir da leitura. Ela sempre esta por vir na interação com o leitor. Quando bem dosado, quando ilustrado e sonorizado e compartilhado pelos recursos das redes sociais o texto literário assume poderes ilimitados. Coloca o homem no centro das atenções.

Cabe aí ,segundo Almeida (2014), uma discussão maior sobre os fenômenos ligados à autoria e às propriedades do texto, em sua maior relevância o texto literário, que para o mercado não apresenta nenhum valor comparado à informação. É um artigo de luxo, um fetiche para tantos outros.

Tudo isso implica em outras formas de relevância do estatuto do autor e do texto, mas finda-se na necessidade de fortalecer o entendimento da leitura como princípio motivador da relação leitor, autor e sentido. A originalidade passou a ser assim uma interface de interações e não algo motivadamente localizada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS



A contemporaneidade se estruturou através de incertezas. Incertezas essas que nascem do dilema entre o mundo das revoluções tecnológicas e das atividades tradicionais. Algo que pode ser exemplificado entre a escolha de produtos orgânicos ou dos geneticamente modificados, os polêmicos transgênicos.

Quando falamos em leitura, variados debates se abrem a mercê das incertezas contemporâneas. O livro impresso ou o e-book? É uma das questões, conseqüentemente o papel do leitor nesse colóquio problemático do mundo midiático. Essa sociedade perdeu-se entre objetos de escolha, conseqüentemente a maneira de lidar com o mundo.

É preciso como diz Freire na epígrafe usada, compreender esse mundo que nos cerca, não temê-lo, lê-lo construindo sua significação e descobrindo o lugar do homem nesse sistema inacabado.

Não se deve esquecer-se do papel da literatura nesse espaço das materialidades onde a arte é posta em segundo plano, onde se predetermina o que é útil e inútil de se ler. A literatura humaniza o homem. Contudo a mentalidade operante dita seus usos. Os rótulos devem ser afastados de qualquer forma de proximidade com os textos.

Os perigos da literatura para a racionalidade contemporânea revelam o contrário para Blanchot (2005), eles são na verdade possibilidades de transformação do real, de transformação do homem, pois não aceita o real simplesmente, mas o ressignifica. A obra literária como algo inacabado vai além dos tempos pois só se materializa a partir da leitura. Ela sempre está por vir na interação com o leitor.

Renovar nossas experiências a partir de nossas possibilidades e, tornarem os sujeitos capazes de ressignificar seus avanços. Ou simplesmente seguir o fluxo descrito nas palavras de Barthes: “O Novo não é uma moda, é um valor, fundamento de toda crítica: nossa avaliação do mundo já não depende, pelo menos diretamente, como em Nietzsche, da oposição do nobre e do vil, mas da do Antigo e do Novo” (BARTHES, 1987, p.54) e assim transitar pela leitura do mundo evidenciando os mundos da leitura.



REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Leonardo Pinto de. A autoria na era dos computadores e das redes. **In. Escrita e Autoria: Internet, Literatura e Ontologia.** Curitiba: Juruá 2014.

BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto.** Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BLANCHOT, Maurice. **O Livro por Vir.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CASTELLS M, Cardoso G. A sociedade em rede: do conhecimento à ação política. Conferência promovida pelo Presidente da República, 4-5 de março de 2005. Centro Cultural de Belém, Lisboa, Portugal, 2005. [Acesso em: 23 mar. 2014]. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/a_sociedade_em_rede_-_do_conhecimento_a_acao_politica.pdf. Acessado em: 7 jul. 2016.

CASTELLS, M. **Sociedade em rede.** Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** 35ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 2009.

POSSOLLI, Gabriela Eyng; DO NASCIMENTO, Gabriel Lincoln; DA SILVA, Juliana Ollé Mendes. A Utilização do Facebook no Contexto Acadêmico: o Perfil de Utilização e as Contribuições Pedagógicas e para Educação em Saúde. **RENOTE**, v. 13, n. 1, 2015.

TOMAÉL, Maria Inês; ALCARÁ, Adriana Rosecler; DI CHIARA, Ivone Guerreiro. Das redes sociais à inovação. **Ciência da informação, Brasília**, v. 34, n. 2, p. 93-104, 2005. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/economia/uso-da-internet-por-meio-de-computador-cai-pela-primeira-vez-no-brasil-mostra-a-pnad>. Acessp em: 7 jul. 2016.